

Contribuição para o estudo dos valores discursivos de *sempre*¹

ANA CRISTINA M. LOPES
(Faculdade de Letras de Coimbra)

1. Introdução

Este trabalho dá continuidade a um projecto de investigação em curso² sobre determinados itens da língua portuguesa que são discursivamente polifuncionais: em determinados contextos funcionam semanticamente como adjuntos adverbiais temporais, noutros revelam funções discursivas que só podem ser cabalmente dilucidadas no âmbito de uma análise pragmática. Neste trabalho, proponho-me analisar o valor temporal de *sempre*, tradicionalmente classificado como advérbio de tempo, e ainda o funcionamento de *sempre* enquanto marcador discursivo.³

2. *Sempre*: advérbio de frequência

Vejam-se os seguintes exemplos:

- (1) O João veio sempre almoçar a minha casa durante o mês de Agosto.
- (2) Quando era miúda, a Patrícia estava sempre constipada.

Se considerarmos que a expressão do tempo, nas línguas naturais, envolve três noções básicas - localização, duração e frequência⁴-, teremos então que concluir que o advérbio *sempre* serve fundamentalmente a expressão da frequência. Os adverbiais de frequência (ou de quantificação temporal, na terminologia de Kamp e Reyle, 1993) indicam o padrão de recorrência de eventos ou estados dentro do intervalo de tempo relevante (Smith, 1991: 159).⁵ Podem ter configurações sintácticas distintas: advérbios (*sempre*, *raramente*), aparentes sintagmas nominais (*todas as manhãs*, *duas vezes por semana*), sintagmas preposicionais (*de três em três dias*).⁶

Quando ocorrem num enunciado, os adverbiais de frequência também desempenham de alguma forma um papel localizador, relativamente à situação descrita, mas nunca representam um tempo singular, antes representam conjuntos de possíveis tempos de localização. Como afirmam Kamp e Reyle, "the discourse referent (...) introduced by quantifying adverbs act as bound variables, ranging over sets of possible location times" (1993:635).

Enquanto adjunto adverbial de frequência, *sempre* pode ser caracterizado verocondicionalmente: a frase que o contém é verdadeira sse a predicação expressa se verificar em todos os sub-intervalos de tempo relevantes no interior de um intervalo de tempo cujas fronteiras podem ou não estar discursivamente especificadas.⁷ Semanticamente, *sempre* opõe-se a *nunca*. Este último advérbio especifica que não há um único intervalo de tempo relevante em que se verifique a situação descrita pelo enunciado.

Analise-mos mais de perto as compatibilidades de co-ocorrência de *sempre* com diferentes classes de *aktionsart*⁸.

2.1. Predicados estativos

Veja-se os seguintes enunciados:

- (3) *O João é sempre louro/alto.
- (4) O João é sempre educado.
- (5) A Ana vive sempre em Coimbra.

A necessidade de se introduzir uma subtipologia, no seio dos predicados estativos, entre estativos episódicos ou temporários e estativos não temporários,⁹ aparece reforçada nos testes de compatibilidade com *sempre*. Com efeito, há descrições de estados que envolvem a atribuição de uma propriedade permanente ou estável a um indivíduo e rejeitam qualquer tipo de restrição temporal; em (3), *sempre* não é compatível com os estativos 'ser louro/alto', justamente porque se trata de predicados que representam situações dificilmente conceptualizáveis como episódicas e recorrentes. Já em (4) e (5), *sempre* é perfeitamente aceitável: os predicados estativos que ocorrem nestes enunciados denotam propriedades que podem aplicar-se a fases temporalmente delimitadas de um indivíduo. No entanto, note-se que seriam aceitáveis os enunciados (6) e (7):

- (6) O João é/foi sempre inteligente.
- (7) O João foi sempre louro.

Parece-me que, para se explicar a aceitabilidade de (6), temos que interpretar a expressão predicativa 'ser inteligente' não como propriedade estável, mas como comportamento episódico. A paráfrase de (6) seria, então, 'O João tem/teve sempre um comportamento inteligente'. Se se quisesse expressar uma propriedade estável do indivíduo, verificada na esfera do passado, recorrer-se-ia ao Imperfeito do Indicativo, e de novo se verificaria uma incompatibilidade com *sempre*:

(6a) O João era inteligente/*era sempre inteligente.

Quanto a (7), parafraseável por 'O João teve sempre o cabelo louro, nunca alterou a cor do cabelo', constata-se, igualmente, que a compatibilidade com *sempre* implica que se interprete a expressão predicativa em termos de propriedade não estável. *Sempre* pode, portanto, co-ocorrer com estativos que admitem uma interpretação episódica.

2.2. Predicados não estativos

Atente-se no seguinte conjunto de exemplos:

(8) O João fuma/fumou sempre a seguir às refeições.

(9) O João come/comeu sempre uma peça de fruta ao almoço.

(10) A Ana chega/chegou sempre a horas.

Seja qual for a classe de *aktionsart* do predicado (actividade (ver exemplo (8)), *accomplishment* (ver exemplo (9)) ou *achievement* (ver exemplo (10)), a co-ocorrência com *sempre* implica uma alteração desse valor primitivo. Qualquer uma destas frases expressa uma generalização sobre um conjunto de ocasiões relevantes. Ao viabilizar a representação de uma iteração de eventos similares ao longo de um intervalo sem fronteiras bem delimitadas, *sempre* funciona como um operador de estativização: através dele, descrevem-se estados habituais, sendo a quantificação universal sobre eventos episódicos a própria essência da estatividade (cf. Krifka (1988)).

2.3. Observações suplementares sobre a semântica de *sempre*

Neste parágrafo, proponho-me aflorar algumas questões suscitadas pela semântica do adverbial *sempre*, questões que, pela sua complexidade, têm motivado a reflexão de diversos linguistas.

Um dos problemas levantado pela semântica de *sempre* prende-se com a delimitação rigorosa do domínio sobre o qual opera este quantificador, nomeadamente quando ocorre em frases genéricas no Presente simples do Indicativo. Tanto quanto me é dado saber, este aspecto foi discutido pela primeira vez em Lewis (1975). Segundo o autor, *sempre* pode considerar-se, no contexto referido, um quantificador não selectivo porque (i) se combina com uma proposição aberta, isto é, uma proposição que tem pelo menos uma variável livre e (ii) quantifica sobre casos ("cases"), ou seja, "admissible assignment of values to the variables that occur free in the modified sentence" (1975: 6).

Vejam-se os exemplos seguintes:

(11) A soma de dois números ímpares é sempre um número par.

(12) Os rios correm sempre para o mar.

As paráfrases que intuitivamente se constroem para estes enunciados parecem-me ser as seguintes:

- (11a) Qualquer soma de dois números ímpares é um número par.
 (12a) Todos os rios correm para o mar.

Em (11a), *sempre* quantifica universalmente sobre a soma de dois números ímpares; a frase será verdadeira sse, seja quais forem os números ímpares somados, essa soma for um número par. Em (12a), o domínio de quantificação de *sempre* é o conjunto dos rios: a frase será verdadeira sse, seja qual for rio considerado, esse rio correr para o mar. Em ambos os casos, a afinidade com construções condicionais genéricas é evidente. Parece, pois, que *sempre* permite correlacionar situações-tipo¹⁰, quantificando sobre o conjunto temporalmente não restrito dos casos que correspondem às instanciações das situações-tipo representadas.¹¹

Uma outra particularidade semântica das frases que contêm advérbios de quantificação temporal releva do domínio prosódico: consoante o constituinte que no enunciado recebe o acento de intensidade que o promove a constituinte focal, assim as interpretações divergem. Veja-se o seguinte enunciado:

- (13) A Ana vai sempre à praia com o João.

Se a estratégia prosódica de marcação de foco incidir sobre o constituinte *à praia*, sendo o tópico frásico constituído pela predicação 'A Ana sai com o João', a frase significa, numa paráfrase aproximada, o seguinte:

- (13a) Sempre que a Ana sai com o João, vai com ele à praia.

No entanto, se o acento de intensidade recair sobre o constituinte *o João*, a paráfrase é substancialmente distinta, a saber:

- (13b) Sempre que a Ana vai à praia, é com o João que vai.¹²

Parece, pois, que as variações prosódicas que ocorrem no plano da estrutura temático-informacional da frase condicionam a interpretação da frase, quando nela ocorrem advérbios de quantificação ou de frequência. Dito de outro modo, essas variações têm como correlato distintas condições de verdade: o domínio da quantificação corresponde ao tópico frásico, ou seja, o componente que descreve a situação sobre a qual se asserir algo.

Finalmente, gostaria de assinalar as restrições contextuais que a interpretação de frases onde ocorre o advérbio *sempre* envolve, nos contextos em que não se especificam as ocasiões pertinentes que validam a predicação. Vejam-se os exemplos (14) e (15):

- (14) A Ana anda sempre de carro.

(15) O Paulo está sempre a queixar-se¹³.

Certamente que (14) não significa que em todos os intervalos de tempo (de um período substancial que inclui o intervalo de tempo da enunciação) a predicação se verifica: a Ana não está permanentemente a viajar de carro. A interpretação mais plausível de (14) implica, seguramente, uma restrição contextual, do tipo 'sempre que tem de se deslocar, a Ana recorre ao carro' ou 'normalmente, se/quando tem de se deslocar, a Ana recorre ao carro'. A frase correlaciona situações-tipo, mesmo se uma delas inferida.

O mesmo acontece com o segundo exemplo: a interpretação intendida envolve uma restrição do tipo 'sempre que o João fala, exprime uma queixa'. Como se pode concluir a partir das paráfrases sugeridas, este problema está obviamente relacionado com o anterior, mas é ainda mais complexo dado que as frases (14) e (15) não fornecem qualquer indicação sobre as restrições contextuais pertinentes. Torna-se, assim, necessário especificar os sub-intervalos, as ocasiões temporais restritas mas pertinentes, sobre as quais opera o adverbial de quantificação temporal. Por vezes, é possível inferir essas ocasiões activando o nosso conhecimento do mundo, mas não é líquido que o saber enciclopédico seja sempre um factor supletivo de informação, o que torna fortemente problemática a semântica destas frases.

Por outro lado, a interpretação destas frases coloca o problema das condições de verdade das condicionais genéricas, problema complexo que não vou aprofundar no âmbito deste artigo¹⁴.

3. *Sempre* : valores pragmáticos

Pelos exemplos comentados na secção anterior, verifica-se que o advérbio de frequência *sempre* nunca ocorre em posição inicial de frase, sendo a sua distribuição típica a posição pós-verbal.¹⁵

Analisemos agora os contextos de ocorrência e os valores pragmáticos de *sempre* marcador discursivo.

(16) O Paulo sempre veio.

(17) A Ana sempre ganhou o prémio.

(18) Sempre quero ver se tens coragem para isso!

(19) Sempre me saíste um aldrabão!

Em todos estes exemplos, *sempre* ocupa uma posição pré-verbal, podendo essa posição coincidir com início absoluto de frase. Enquanto marcador discursivo, *sempre* nunca ocorre em posição pós-verbal. Estas restrições sintagmáticas funcionam já como um critério de diferenciação entre o advérbio de frequência e o marcador discursivo. Por outro lado, o advérbio *sempre* pode comutar com outros adjuntos adverbiais que a ele se opõem no interior do mesmo paradigma (por exemplo, *muitas vezes*, *raramente*, *duas vezes por*

semana) o que não acontece, obviamente com o marcador discursivo. Veja-se a inaceitabilidade de (17a):

(17a) *A Ana duas vezes por semana ganhou o prémio.

Este marcador discursivo não contribui para as condições de verdade da proposição que integra. Não é, pois, caracterizável em termos semânticos clássicos. A descrição do seu funcionamento implica que se tome em consideração o quadro comunicativo que preside à produção e recepção dos discursos. Vejamos, então, que valores ou que funções são carreadas por este item.

Pela análise dos exemplos, parece-me que se podem distinguir essencialmente dois valores: em (16) e (17), *sempre* corresponde fundamentalmente a uma sinalização do universo epistémico do locutor; nos dois outros exemplos, *sempre* veicula um valor de índole predominantemente expressiva. Mas vejamos mais de perto os exemplos em causa.

3.1. Em (16) e (17), *sempre* funciona como sinalizador/marcador das expectativas e dúvidas do locutor. Ao produzir estes enunciados, o locutor não se limita a constatar um facto ou a formular uma asserção factual; a inserção de *sempre* assinala um determinado horizonte de expectativas, que teoricamente comporta quer a crença na possibilidade, quer a crença na impossibilidade de ocorrência da situação descrita. Concretizando um pouco mais a ideia esboçada, diremos que as situações descritas nestes enunciados não eram tidas como absolutamente previsíveis pelo locutor, ou seja, a sua ocorrência não era por ele avaliada como totalmente certa; por outras palavras, o locutor assinala, através do uso de *sempre*, as suas dúvidas acerca da ocorrência da situação descrita. *Sempre* aponta justamente para o universo epistémico do locutor, não sendo, no entanto, óbvia a sua função de sinalização de uma expectativa positiva, confirmada pelos factos, ou de uma expectativa negativa, que afinal os factos vieram anular/desmentir.

A ambiguidade referida pode ser comprovada pelas distintas paráfrases admitidas pelos enunciados em apreço. Parece-me plausível propor as seguintes paráfrases:

(16a) O Paulo acabou por vir.

(16b) O Paulo veio, como se esperava.

(17b) A Ana acabou por ganhar o prémio.

(17c) A Ana ganhou o prémio, como se esperava.

A opção por uma ou outra interpretação está, provavelmente, condicionada por factores prosódicos e depende certamente do conhecimento partilhado pelos interlocutores ou de informação cotextual. De qualquer modo, na interpretação explicitada por (16a) e (17b), *sempre* assinala que, contrariamente às expectativas do locutor, a situação acabou por ocorrer, tendo sido ultrapassados os eventuais obstáculos que impediriam a sua concretização. Na interpretação dada em (16b) e (17c), *sempre* marca a confirmação de uma expectativa prévia do locutor.

Podemos então adiantar a hipótese de que este marcador discursivo activa uma inferência acerca do contexto em que o enunciado deve ser interpretado. 'Contexto' é aqui entendido como conjunto de assunções que configuram o universo cognitivo dos falantes e com as quais vai interagir o enunciado entretanto produzido, dando essa interacção origem à construção de informação relevante.¹⁶ Nos casos que temos estado a analisar, a informação dos enunciados que contêm *sempre* é relevante na medida em que anula ou reforça uma assunção pressuposta pelos falantes. Essa assunção, como já se disse, pode ser de fraca ou nula crença na probabilidade de ocorrência da situação descrita, ou de forte crença nessa ocorrência. Seja como for, há uma invariância que importa reter: *sempre* inscreve no discurso uma atitude de dúvida prévia, finalmente anulada pela constatação de uma ocorrência situacional. Assim, *sempre* assinala que o conjunto de hipóteses em aberto que uma atitude de não certeza comporta foi anulado face à informação factual disponível.

Nos contextos em que *sempre* comuta livremente com *afinal*, a interpretação intendida pelo locutor é, certamente, a que realça uma expectativa negativa face à ocorrência da situação descrita. Veja-se o exemplo (16c), que admite a paráfrase (16d), mas não a (16e):

- (16c) O Paulo afinal veio.
- (16d) O Paulo (afinal) acabou por vir.
- (16e) O Paulo veio, como se esperava.

Em (16d), a explicitação de *afinal* é, a meu ver, aceitável, embora redundante relativamente à informação contida no enunciado. Em (16e), a introdução de *afinal* tornaria o enunciado anómalo. Veja-se (16e')

- (16e') * O Paulo afinal veio, como se esperava.

Numa primeira análise, e nos contextos referidos, parece haver comutação livre entre *sempre* e *afinal*. No entanto, constata-se, num segundo momento, que estes dois itens podem co-ocorrer no mesmo enunciado, numa estratégia discursiva de ênfase, como se comprova pelo exemplo (16f):

- (16f) Afinal, o Paulo sempre veio¹⁷.

É curioso verificar que o marcador discursivo *sempre*, na sua função de sinalização do universo epistémico do falante, nunca ocorre em frases negativas. Nestes contextos, é substituído por *afinal* ou por uma perífrase que envolve necessariamente a construção 'acabar por + não V_{inf}'. Atente-se nos exemplos seguintes:

- (16g) * O Paulo sempre não veio.
- (16h) Afinal o Paulo não veio.
- (16i) O Paulo acabou por não vir.

3.2. Vejamos agora o segundo valor discursivo assinalado, retomando os exemplos (18) e (19). Estamos perante frases exclamativas, que funcionam como suporte formal de um acto ilocutório expressivo. Em (19), *sempre* parece reforçar o valor de dativo 'ético'¹⁸ do pronome pessoal de 1ª pessoa ('me') que ocorre no enunciado: ambos os itens inscrevem o locutor no enunciado, marcando/enfatizando a sua atitude expressiva. Vejam-se duas paráfrases possíveis deste enunciado em (19a) e (19a'):

- (19a) Saíste-me cá um aldrabão!
 (19a') Saíste-me mesmo um aldrabão!

Note-se que *cá*, em (19a), assinala não proximidade espacial, mas proximidade ou envolvimento do falante.

Para (18), uma paráfrase aceitável seria (18a):

- (18a) Quero mesmo ver se tens coragem para isso!

O item *mesmo* que ocorre nas paráfrases parece funcionar como focalizador. Segundo Ilari, "o uso de advérbios focalizadores pode indicar que uma propriedade ou relação se realiza de maneira 'prototípica' ou 'exemplar'" (1993:201). Julgo que a observação se aplica a este uso de *sempre*.

Com este valor, *sempre* não ocorre em frases negativas, como se pode confirmar pelos exemplos (19b) e (18b):

- (19b) *Sempre não me saíste um aldrabão!
 (18b) *Sempre não quero ver se tens coragem para isso!

Note-se que *sempre*, em contextos deste tipo, parece reforçar, de forma algo redundante, o valor ilocutório expressivo que a curva entonacional da frase exclamativa carrega. No entanto, talvez ainda persista, embora atenuado, o valor anteriormente assinalado: o locutor manifesta a sua atitude de dúvida (colmatada, em (19), a colmatar em (18)).

3.3. Os valores até agora elencados não esgotam o funcionamento discursivo de *sempre*. Se não, vejamos os exemplos que se seguem:

- (20) O dinheiro que recebi é/foi pouco, mas sempre ajuda.
 (21) Vem comigo ao cinema, sempre desanuvias!

Nestes casos, *sempre* parece comutável com *em todo o caso*, *pelo menos* ou *apesar de tudo*. Estamos perante discursos de índole argumentativa. Em (20), a escassez de dinheiro poderia ser um argumento a favor de uma conclusão negativamente perspectivada pelo falante; no entanto, o segundo membro da construção, introduzido por *mas* e marcado por *sempre*, funciona como argumento a partir do qual é possível inferir uma conclusão avaliada de forma mais positiva. Ao introduzir *sempre* no seu enunciado, o falante assinala

que esse mesmo enunciado serve de argumento para uma conclusão e expressa implicitamente um comentário sobre a força desse argumento: trata-se de um argumento fraco, mas mesmo assim deve ser tomado em consideração. Em (21), encontra-se uma interpretação idêntica: ao dizer 'sempre desanuvias', o falante aduz um argumento que visa persuadir o interlocutor a aceitar o convite inicial; concomitantemente, implícita que o argumento aduzido, apesar de não ter uma força argumentativa forte, é avaliado de forma suficientemente positiva para funcionar como suporte de uma conclusão: na ausência de um argumento mais forte em sentido inverso, o argumento invocado não é despiciendo.

Em ambos os casos, o locutor marca a sua presença através de *sempre*: dá ao ouvinte uma instrução interpretativa, assinalando que o enunciado assim prefaciado deve ser lido como argumento a favor de uma conclusão; simultaneamente, comenta o baixo grau de força argumentativa do argumento que ele próprio produziu/enunciou¹⁹, sem deixar de acentuar, no entanto, a pertinência da sua ponderação. Note-se que tal pertinência resulta da validade permanente da correlação genérica²⁰ que preside à argumentação e que pode ser formulada recorrendo ao valor temporal de *sempre*: em (20), essa correlação seria 'ter dinheiro é sempre bom' e em (21) teríamos algo como 'ir ao cinema desanuvia sempre'.

Por outro lado, parece-me possível inferir uma modalização axiológica positiva a partir das instruções que associámos a *sempre*: se o falante recorre, no seu discurso, a um argumento que reconhece ser fraco, isso significa que apesar de tudo o avalia positivamente, embora num grau não muito elevado numa escala de valores.

4. Observações finais

Neste trabalho, descrevemos diferentes valores de *sempre*, sendo que esses diversos valores não parecem, numa primeira análise, susceptíveis de um tratamento integrado, o que apontaria para um caso de homonímia. No entanto, talvez uma análise mais aprofundada permita vislumbrar alguns pontos de articulação entre esses valores, de modo a configurar variantes de significado ligadas metafóricamente ou metonimicamente. Com efeito, parece haver alguma afinidade entre o valor temporal analisado em 2. e o valor argumentativo descrito em 3.3. Concretizando: a quantificação temporal veiculada pelo advérbio *sempre* envolve uma ideia de permanência no tempo ou de validade permanente de uma correlação entre situações; por seu turno, o marcador pragmático *sempre* atribui uma espécie de permanência à possibilidade de o argumento por ele circunscrito funcionar como tal, em função da activação de uma assunção implícita, de validade permanente, onde uma vez mais se correlacionam situações-tipo.

Quanto aos valores pragmáticos analisado em 3.1. e 3.2., não é linear a apreensão de um nexos conceptual com o valor temporal primitivo. Nestes contextos, *sempre* parece ilustrar uma tendência evolutiva referenciada por Traugott (1983). De acordo com esta autora, há uma tendência semântico-pragmática que preside a muitos casos de mudança de significação e que pode ser ilustrada nos seguintes termos: "Meaning tend to become increasingly situated in the speaker's subjective belief-state/attitude toward the situation". Numa outra perspectiva, julgo importante sublinhar que a caracterização dos valores não temporais de *sempre* implica a tomada em consideração de aspectos da significação não

redutíveis a uma semântica verocondicional. Com efeito, só o *sempre* temporal contribui para as condições de verdade da frase; os outros valores de *sempre* apontam para uma vertente interpessoal da significação, uma vez que introduzem o falante no discurso, e podem, em certa medida, admitir uma caracterização instrucional. Como vimos em 3.1. e 3.3., a partícula dá instruções ao interlocutor acerca do contexto apropriado para o seu uso, formatando as suposições que devem ser activadas no processo interpretativo²¹.

NOTAS:

¹ A versão final deste artigo é tributária dos comentários que a minha comunicação, no XIII Encontro da APL, suscitou. Quero aqui agradecer aos colegas que então se pronunciaram.

² Este projecto desenrola-se no âmbito do CELGA, Unidade de I&D n°287.

³ A designação destes itens que suscitam uma descrição eminentemente pragmática, no âmbito do funcionamento do discurso, é muito variável, de autor para autor. A par da expressão 'conectores pragmáticos', encontram-se ainda as expressões 'partículas discursivas', 'conectores discursivos' e 'marcadores discursivos'. Note-se que a dificuldade de caracterização semântica e classificação gramatical dos itens em questão foi sentida por Lindley Cintra e Celso Cunha, pelo que aparecem, na gramática destes autores, classificados em duas categorias, advérbios e 'palavras denotativas' (de inclusão, exclusão, realce, rectificação, situação), carecendo esta última categoria de definição cabal.

⁴ Utilizo como quadro teórico de referência a proposta de Kamp e Reyle (1993), retomada com algumas modificações em Peres (1993). Entende-se por *localização* a delimitação linguística de um determinado sector no eixo do tempo, cronologicamente ordenado relativamente a um ponto fixo de referência, e que permite situar um estado de coisas; a *duração* prende-se com a quantidade de tempo que configura a estrutura interna do intervalo ocupado por um estado de coisas; a *frequência* envolve a expressão da iteração, ou seja, da ocorrência múltipla de uma situação, num determinado intervalo de tempo.

⁵ É idêntica a definição de Vlach: "Semantically they [frequency adverbials] say something about the pattern of occurrence of some eventuality over some period of time" (1993:251). Sobre estes advérbios, ver ainda Borillo (1986).

⁶ Klein (1994) inclui também nos advérbios de frequência expressões do tipo *duas/três vezes*, que especificam lexicalmente o número de ocorrências de uma situação. No entanto, parece-nos pertinente a distinção proposta por Borillo (1986) e Vlach (1996) entre sintagmas que quantificam sobre eventos (*duas/três vezes*) e advérbios de frequência: os primeiros permitem representar uma situação verdadeira *num* intervalo de tempo, isto é, uma situação que se verificou duas/três vezes no interior de um intervalo; os advérbios de frequência viabilizam a representação de uma situação verdadeira *para* um intervalo de tempo, ou seja, a situação envolve uma recorrência homogeneamente repartida por todo o intervalo de referência.

⁷ A quantificação universal expressa por *sempre* não parece ser parafraseável por "em todos os sub-intervalos de um intervalo ilimitado que, abrangendo o momento de enunciação, se prolonga indefinidamente nos dois sentidos da linha do tempo". Se exceptuarmos os contextos das frases genéricas que admitem uma representação semântica em termos de quantificação universal, parece plausível afirmar que *sempre* significa 'em todas as ocasiões de um determinado tipo'. Este assunto será retomado mais adiante.

⁸ Utilizo, neste trabalho, a conhecida tipologia de classes de *aktionsart* de Vendler (1967).

⁹ Sobre a motivação linguística desta distinção, veja-se, entre outros, Dowty (1979), Bache (1981), Krifka (1987).

¹⁰ Entendemos por 'situação-tipo' um estado de coisas que comporta elementos indeterminados ao nível dos indivíduos e da localização temporo-espacial.

¹¹ Note-se que nestes contextos, *sempre* podia suprimir-se, sem que tal alterasse o significado das frases.

¹² Sobre este assunto, consulte-se Kamp e Reyle (1993).

¹³ Estes exemplos foram-me sugeridos por Kamp e Reyle (1993).

¹⁴ Para um aprofundamento desta temática, veja-se Lopes e Santos (1993) e bibliografia aí indicada.

¹⁵Note-se que se refere a sua posição *típica*, o que deixa em aberto a possibilidade, atestada, de ocorrências pré-verbais do advérbio de frequência.

¹⁶Retomo a noção de contexto proposta por Sperber e Wilson (1986).

¹⁷Reservo para posterior estudo o valor discursivo de *afinal*. De qualquer modo, gostaria de evidenciar, para já, que a partícula *afinal* só se utiliza para sinalizar algo que contraria as expectativas do locutor, o que não parece acontecer, em todos os contextos, com *sempre*.

¹⁸Cf. Vilela, 1992: 124-125.

¹⁹Ducrot (1985) evidencia a dimensão metadiscursiva deste comentário.

²⁰Na Retórica clássica, esta correlação era designada pelo termo *topos*, termo retomado por Ducrot em estudos recentes sobre a argumentação nas línguas naturais. O *topos* configura uma assunção genérica que funciona como base de um esquema argumentativo, assegurando uma transição consistente das premissas para a conclusão.

²¹Os exemplos utilizados neste trabalho são exemplos construídos. No entanto, houve a preocupação de confrontar os resultados obtidos com um *corpus* de discurso real espontaneamente produzido. Recorri ao *corpus* do *Português Fundamental* (tomo 1) e nele encontrei atestados usos temporais de *sempre* e valores relacionados com o marcador discursivo homónimo. São claramente superiores, em termos quantitativos, os usos temporais de *sempre*. Quanto aos valores discursivos, o que adquire maior relevo é o de prefaciador de um argumento avaliado como fraco pelo falante.

BIBLIOGRAFIA:

- BORILLO, A. (1986)-"La quantification temporelle:durée et itérativité en français", in *Cahiers de grammaire*, 11, 119-156.
- CADIOT, A. *et alii* (1985)- "Sous un mot, une controverse: les emplois pragmatiques de *toujours*", in *Modèles linguistiques*, VII, 2, 105-124.
- CUNHA, C. e CINTRA, L. (1984)- *Nova gramática do português contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa.
- DUCROT, O. *et alii* (1986)- "Les emplois pragmatiques de *toujours* (suite): le cas des conclusions assertives", in *Modèles linguistiques*, VIII, 2, 115-124.
- KAMP, H. e REYLE, U. (1993)- *From discourse to logic*, Dordrecht, Kluwer.
- KLEIN, W. (1994)- *Time in language*, London, Routledge.
- KRIFKA, M. (1988)- "The relational theory of genericity", in M. Krifka (ed.), *Genericity and natural language*, Proceedings of the 1988 Tübingen Conference, Universidade de Tübingen.
- ILARI, R. (1993)- "Sobre os advérbios focalizadores", in Ilari (ed.), *Gramática do Português falado*, vol. II, pp. 195-212.
- LEWIS, D. (1975)- "Adverbs of quantification", in E. Keenan (ed), *Formal semantics of natural language*, Cambridge, CUP, pp. 3-15.
- LOPES, A.C.M. e SANTOS, P. (1993)- A condicionalidade das frases genéricas, *Cadernos de Semântica*, nº 17, Faculdade de Letras de Lisboa.
- PERES, J. (1993)- Towards an integrated view of the expression of time in portuguese, *Cadernos de Semântica*, 14, Faculdade de Letras de Lisboa.
- SMITH, C. (1991)- *The parameter of aspect*, Dordrecht, Kluwer.
- TRAUGOTT, E. C. (1989)- "On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectivation in semantic change", in *Language*, 65, 31-55.

VENDLER, Z. (1967)- *Linguistics in philosophy*, Ithaca, Cornell University Press.

VILELA, M. (1995)- *Gramática da língua portuguesa*, Coimbra, Almedina.

VLACH, F. (1993)- "Temporal adverbials, tenses and the perfect", in *Linguistics and Philosophy*, vol. 16, nº3, 231-284.